

A Justificação de Quem Duvida: Um Exercício Hermenêutico Com Paul Tillich

*Eduardo Gross**

Sinopse

O presente artigo identifica na elaboração da expressão "justificação de quem duvida" realizada por Paul Tillich um exercício hermenêutico sobre a tradição protestante. Ele alude à natureza hermenêutica da teologia, expõe a reinterpretação proposta por Tillich e pergunta por sua significância hoje. Em busca de tal significância, argumenta que a atual falta de dúvida não deveria ser vista simplesmente como um renascimento glorioso da fé, mas pelo menos também como um disfarce da angústia humana.

Palavras-chave: Dúvida; Justificação; Tillich; Hermenêutica

Abstract

The present article identifies Paul Tillich's elaboration of the expression "justification of him/her who doubts" as an hermeneutic exercise on the Protestant tradition. It mentions the hermeneutical nature of theology, expounds the reinterperatation proposed by Tillich and asks for its meaning today. In search for such meaning, it argues that the contemporary lack

* Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo-RS; pesquisador do NEPREL e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF).

of doubt should not simply be seen as a glorious revival of faith, but at least also as a disguise of human anguish.

Key-words: Doubt; Justification; Tillich; Hermeneutics

1 Introdução: Teologias, Tradições e Identidade no Tempo

Dentre as demais disciplinas acadêmicas que estudam a religião, a teologia leva, por um lado, uma grande vantagem. Por outro lado, ela também corre um grande perigo. A vantagem é que ela parte da vivência, da experiência e da riqueza de uma tradição herdada. Com isso ela é capaz de desenvolver o novo a partir do já conhecido. De um velho baú ela tira coisas antigas e novas, como já o registra um antigo dito atribuído pelo teólogo autor do *Evangelho Segundo Mateus* a Jesus de Nazaré.¹ Ela mostra que o que já sabemos, quando mirado de nova perspectiva, pode fazer descobrir o que ainda não compreendemos. A vantagem da teologia, neste sentido, é que ela parte de uma compreensão prévia relativamente profunda do objeto que ela examina.

O perigo da teologia é que ela está permanentemente exposta à tentação de esquecer que ela é apenas um esquema para compreender a religião, e não é ela mesma a verdade. Em uma linguagem teológica, se poderia dizer que quando as fórmulas teológicas viram verdades, elas deixam de apontar para a Verdade - e então elas se tornam ídolos que não falam e não respondem mais às perguntas dos fiéis.

É bom registrar que esta situação ambígua é característica de qualquer forma religiosa. A tradição e a fidelidade a ela manifestam a identidade do grupo. A representação desta identidade se dá de formas muito diversas: desde narrativas míticas, orais ou escritas, até textos doutrinários, morais ou mesmo legais, passando ainda por outros tipos de elementos simbóli-

¹ Evangelho Segundo Mateus 13.52.

cos abertos a interpretações bastante amplas. O importante é reconhecer que cada tradição vive no tempo, e necessariamente se relaciona enquanto tradição com este tempo - seja de forma mais fixa ou mais maleável.

Paul Tillich foi um pensador que, no seu tempo, o século XX, não correu tanto o perigo de se ater a fórmulas. Buscou sempre relacionar sua tradição ao seu tempo de forma inovadora. Por outro lado, ele também não deixou de ser teólogo, não deixou de lidar com a sua tradição religiosa com algum tipo de pretensão de ser um criador a partir do nada. Ele representou bem esta tentativa de descobrir o novo olhando para o conhecido com uma perspectiva audaz. Mentres criativas como a dele merecem ser lembradas e revisitadas. Mirando tais perspectivas criativas do passado, somos convidados a refletir sobre as tradições de forma renovada.

2 Justificação de Quem Duvida e Justificação do Pecador

Este estudo visa apresentar a concepção que Paul Tillich desenvolve a respeito da dúvida como um exercício hermenêutico. Quer mostrar a dinâmica entre o pertencimento a uma tradição religiosa dada e a renovação interpretativa desta tradição por meio do exercício da reflexão contextualizada.² Para se compreender bem este exercício de reinterpretação, é necessário apresentar a compreensão tradicional antes de expor o modo como esta foi reformulada no processo reinterpretaivo. Só assim se poderá perceber como tradição e ruptura se conjugam.

2 Uma outra configuração da relação entre fé e dúvida em Tillich, motivada por uma intenção comparativa crítica com o pensamento de Juan Luis Segundo, foi elaborada em Eduardo GROSS, *A concepção de fé de Juan Luis Segundo*, p. 230-34, 245. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos citados, cf. as **Referências Bibliográficas** no final do artigo.]

2.1 A Compreensão Tradicional da Doutrina da Justificação pela Fé

“Justificação somente pela fé” se tornou uma expressão simbólica poderosa por ocasião da Reforma Protestante, no século XVI. Em torno dela se desenvolveu toda a reflexão teológica que forneceu argumentos aos muitos grupos e partidos religiosos que lutaram pela hegemonia simbólica no período. A doutrina dela que se tornou referência visava afirmar a impossibilidade de que as ações humanas (obras) pudessem levar o ser humano à proximidade de Deus. Isto porque a situação entre ser humano e Deus era vista como a de uma radical separação - separação que recebia o nome de “pecado”. Desta forma, as tentativas de se instituir determinadas obras como merecedoras do favor divino não poderiam dar certeza deste favor, uma vez que para tal far-se-ia necessário saber o que seria a vontade de Deus antes de praticar estas obras. Isto seria uma pretensão humana além de qualquer possibilidade, seria querer negar a situação de separação, de pecado. A instituição de obras meritórias seria, pois, sempre uma instituição humana e maligna, já que visaria esconder a verdadeira miséria humana. Se havia alguma possibilidade de aproximação entre o divino e o humano, esta teria de se dar por iniciativa divina. A partir da afirmação da encarnação de Deus em Cristo, esta iniciativa divina era tida por certa - apesar de ocorrer de forma velada, já que o Deus revelado se escondeu sob a humildade de um ser humano, sob o sofrimento e sob a morte. A fé era a confiança nesta presença escondida de Deus em Cristo.

Muitos adversários e mesmo alguns grupos em princípio partidários da Reforma, no entanto, entenderam esta “fé” em termos de uma afirmação dogmática de um conteúdo proposicional. A fé a que se refere este lema, porém, não é redutível a uma aceitação racional ou intelectual de uma verdade do tipo “Jesus Cristo é Deus” ou mesmo “Jesus é meu Senhor”. “Fé”, na formulação clássica da doutrina da justificação, significa *confiança* na incomensurável bondade divina, confiança de que Deus superou o abismo entre o divino e o humano. Isso implica que a ação humana, sempre incerta de

agradar a Deus, é justificada, isto é, é declarada justa pela misericórdia divina. Em Cristo, Deus teria assumido a injustiça humana sobre si e oferecido a sua justiça ao mundo. Trata-se de um paradoxo, uma vez que o que é justo é injusto, e vice-versa. Fé é, pois, esta confiança de que o que não é aparente é verdadeiro. A partir desta fé no Deus revelado e escondido em Cristo, o ser humano poderia agir com liberdade, sem o propósito de conseguir algo de Deus. A grande obra já teria sido realizada por Ele. Deus não poderia ser entendido como um mercador de salvação. A ação humana realizada na confiança da misericórdia divina deveria visar o bem do próximo na terra, não qualquer recompensa celeste para quem age.³

2.2 Tillich e a “Justificação de Quem Duvida”

A dinâmica entre a fórmula tradicional e a experiência viva se encontra enunciada na expressão cunhada por Tillich que aqui será analisada: “a justificação de quem duvida”. A tradição está presente pela remissão à conhecida expressão “justificação pela fé”. A experiência viva tem lugar através da ironia: a pretensão de Tillich é mostrar que a dúvida aponta no século XX para uma realidade que no século XVI era experimentada como fé. A experiência viva dizia a Tillich que sua época não era mais um tempo de “fé”, pelo menos da forma corriqueira em que este termo era compreendido, mas sim um tempo de dúvida em relação à tradição herdada.

A idéia que ele expõe - em vários textos⁴ - é basicamente a de que a dúvida sincera não separa de Deus, mas é expressão do fundamento da fé. Isto porque a dúvida significa na verdade uma confissão na busca pela verdade. Como para o fiel

3 Para um exame mais profundo da compreensão tradicional de “justificação pela fé” pode-se consultar: CONFISSÃO de Augsburg, artigos 4 e 20; Martinho LUTERO, *Da liberdade cristã*; J. IWAND, *A justiça da fé*, especialmente p. 91-107; para uma interpretação em diálogo com a teologia latino-americana, cf. W. ALTMANN, *Lutero e Libertação*, especialmente p. 77-97, 281-89, 298-305; para uma interpretação no contexto do diálogo ecumênico católico-luterano, cf. DOCTRINA da justificação por graça e fé.

4 Principalmente Paul TILLICH, *Rechtfertigung und Zweifel; Dinâmica da Fé*, p. 15-9; *Systematic Theology*, v. 2, p. 66-78; v. 3, p. 224-28, 238-43; *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*, p. 58-62.

toda verdade tem de ser divina (se algo é verdade, não pode provir do “pai da mentira”), toda verdade é, de fato, expressão da Verdade. Não pode haver duas verdades, uma natural e outra sobrenatural. A dúvida, então, é expressão da Verdade através do reconhecimento de sua ausência. Há uma analogia entre Deus, verdade e sentido, e a seriedade incondicional na experiência da ausência de Deus, da verdade e do sentido, no século XX, manifesta a presença *sub contrario* de Deus, da verdade e do sentido.⁵ A dúvida é, pois, inerente à fé, e não pode ser vencida por qualquer forma de repressão cognitiva. Ela tem de ser vivenciada com coragem, e a coragem aponta para uma vitória sobre a dúvida que engloba a manutenção da dúvida. Se nada da dúvida permanecesse, a coragem não seria coragem. A vitória da coragem sobre a dúvida é real, mas fragmentária.⁶

Para Tillich, a fidelidade à mensagem reformatória da justificação pela fé implica na necessidade de se manter a sua pungência. Ela precisa penetrar, transpassar a realidade cultural em que está inserida. Tillich fala de “irrupção” (*Durchbruch*):⁷ a mensagem transcendente penetra na cultura a partir dos fundamentos desta cultura. O conceito pressupõe a concepção ontológica de Tillich, segundo a qual ser e não-ser fundamentam todo o real. É por estar baseada no fundamento do ser que a realidade existe; por outro lado, a realidade não é eterna, imóvel, ela vive a precariedade pela divisão entre ser e não-ser na existência. Deste modo, tudo o que é pode não ser mais a qualquer momento. É importante observar ainda que ser e não-ser não são algo de um “outro mundo”, entidades mitológicas. Ser e não-ser são o fundamento da presente realidade. Não se trata, pois, de uma transcendência no sentido sobrenatural. Pelo contrário, ser e não-ser fundamentam a natureza do mundo, da vida e da existência atual.⁸

5 Cf. p. ex., TILLICH, *A era protestante*, p. 16-7.

6 TILLICH, *A dinâmica da fé*, p. 16-9 e 65-6.

7 TILLICH, *Rechtfertigung und Zweifel*, p. 84-5.

8 Para uma visão da ontologia de Tillich pelo próprio autor, cf. *Systematic Theology*, v. I, p. 163-204.

Assim, a irrupção de que fala Tillich surge rompendo o estabelecido - mesmo que, por seu caráter ontológico, ela já estivesse presente veladamente. A fórmula “justificação pela fé” tem de readquirir seu devido poder através de uma tal irrupção contínua na história humana. Mas para que readquira este poder, é necessária a percepção do que mudou entre o tempo da Reforma e a atualidade. O mundo do século XX não é mais o da certeza prévia na existência de Deus, da centralidade da Igreja cristã e da esperança da bem-aventurança futura. E a situação de separação entre o ser humano e Deus não se expressa mais com o símbolo do “pecado”. No seu aspecto exterior, o mundo passou a ser o lugar da carência de sentido e da dúvida - para não dizer do desespero -, e é esta que expressa agora o novo símbolo da situação existencial de ruptura entre o divino e o humano. Ao invés de injuriar esta situação que vê diante de si, Tillich mostra como a tradição protestante contribuiu para que ela surgisse.

3 A Narrativa da História Protestante da Dúvida Conforme Tillich

O protestantismo abalou, no século XVI, as bases das certezas existentes no senso comum. As formas históricas da religião foram declaradas elemento secundário. A fé foi o instrumento para a afirmação do caráter incondicional de Deus em relação às sacralidades instituídas no cotidiano, vistas como obras humanas injustas por quererem construir pontes para superar um abismo intransponível a partir da situação humana. No início, o protestantismo vivia sua fé crítica a partir dos resquícios institucionais que restaram. Com o tempo, com a imprescindível continuidade da aplicação do princípio crítico que o caracteriza, o protestantismo tinha de ir fazendo ruir todos esses resquícios. Ou seja, o dilema do protestantismo, desde seu surgimento, sempre foi e continua sendo: ou deixar de ser protestante e afirmar as instituições ou ser protestante e continuar minando sua própria existência concreta.

No âmbito da religiosidade isto significava a crítica constante tanto às formas místicas de expressão religiosa - à medida que são exteriorizações da subjetividade humana - quanto às formas institucionais da religião - à medida que são obras humanas externas, construções objetivas que realizam, mas ao mesmo tempo já sempre negam, a fé enquanto realidade imediata. A idolatria humana tinha de ser vencida pela afirmação do caráter incondicional de Deus. Ora, o que é a expressão dessa fé no Deus incondicional, senão a dúvida constante em relação a qualquer forma de manifestação imanente? Daí que o passo da dúvida em relação a realidades particulares para a sua generalização completa não tenha sido muito difícil. E esta situação é a que Tillich entende caracterizar a cultura moderna. Trata-se da cultura da dúvida, herdeira da crítica da Reforma.⁹

Convém observar, no entanto, que, se em nossa cultura ocidental foi a reforma protestante que levou a tal situação, de forma alguma deve-se reduzir a ela a possibilidade de tal realização. De fato, a Reforma e a história de seus efeitos representam apenas uma determinada realização de algo que, a partir da dinâmica ontológica entre ser e não-ser, pode se dar (ou melhor: efetivamente se dá) igualmente em qualquer tradição cultural. Daí que, para Tillich, a observação da dinâmica histórica das culturas em geral e das religiões em particular sirva para encontrar constantes que transcendem a história factual. Tanto que o próprio Tillich exercitou a pesquisa por este mesmo princípio crítico no profetismo judaico e no movimento socialista. Por outro lado, o fato de que tais dinâmicas sejam expressão de elementos ontológicos em nada desmerece sua grandeza, nem diminui sua injustiça. Ao contrário: porque o ontológico não “existe” em nenhum “outro lugar” do que nessas realidades concretas em que se manifesta.

4 A Situação Pessoal e Cultural da Dúvida

A pessoa que duvida do fundamento de seu ser, do sentido da vida ou da existência da verdade é caracterizada por Tillich

⁹ TILlich, *Rechtfertigung und Zweifel*, p. 86-9.

como alguém que perdeu a experiência da relação imediata com o fundamento do seu ser, com o sentido ou com a verdade. Embora Tillich seja muito parcimonioso em usar o termo pelo medo de incompreensão, é inevitável que se reconheça que nas religiões se tem chamado de Deus a este fundamento, sentido ou verdade. O temor de Tillich era que se confundisse Deus com *um* ser, ao invés de se vê-lo como o fundamento e o abismo do ser. Trata-se, nessa descrição da situação existencial da pessoa que duvida, de um reconhecimento da sua pertença à tradição teológica agostiniana, confessada inúmeras vezes por ele. Na verdade, toda a aceitação da reinterpretação na fórmula da justificação operada por Tillich depende da concordância com o princípio agostiniano enunciado aqui: o conhecimento de Deus ou da verdade é sempre imediato, ele é gratuito, não é sujeito à experimentação.¹⁰ A cultura moderna, baseada na experimentação como critério da verdade científica, por um lado, e no impulso da dúvida fomentada pelo protestantismo no âmbito da religião, por outro, velou a possibilidade deste conhecimento imediato. Não se trata, pois, de um problema individual, mas cultural, vivenciado pessoalmente.

Como recuperar aquela certeza prévia perdida? Somente através de uma irrupção (*Durchbruch*) daquela certeza em meio à incerteza reinante. Mas como descobrir a possibilidade de uma tal irrupção? Para Tillich, é justamente a consciência da dúvida que permite afirmar tal possibilidade. O fato da dúvida é que manifesta a existência de uma busca por Deus, pela verdade, pelo sentido. A percepção do desespero humano revela, para Tillich, a insatisfação com a situação existencial experimentada pelas pessoas na cultura moderna. Em si, não só nela; a grandeza da cultura moderna está em que ela revela a dúvida que é realidade ontológica, mas que permanecia velada em outras configurações culturais. Em todo caso, esta insatisfação e este desespero apontam de fato para aquela certeza prévia velada. Se a certeza não existisse, mesmo que veladamente, não poderia haver a dúvida. A dúvida é o res-

¹⁰ Para uma amostra clara da importância da tradição agostiniana para a reinterpretação elaborada por Tillich, cf. *Systematic Theology*, v. 3, p. 227-28.

quício que ficou da fé enquanto certeza imediata. Se não houvesse essa dúvida reveladora da fé, não haveria desespero porque não haveria busca.

Neste sentido, a presença de dúvida aponta também para uma exigência: a de continuar buscando a certeza imediata perdida. A indiferença e a negligência em relação à própria dúvida é que se tornam indesculpáveis.

Também o pecado de quem duvida é a descrença, isto é, a falta de dúvida em relação à sua própria dúvida e a tentativa de buscar a Deus deste ponto fundamentalmente desprovido de Deus.¹¹

Isto é: quem pretende ter a certeza de que não tem dúvida em relação a Deus, ao sentido ou à verdade, de fato vive uma negação de uma realidade que é indisfarçável. Tal negação ocorre pela fragilidade humana de assumir com coragem a situação em que vive de fato. A ilusão serve de ópio, de fuga, e este encobrimento da dúvida real é o que na tradição teológica cristã foi chamado de pecado. Usando uma figura bíblica, é necessário agora que o ser humano veja que está nu, que ele se encare como é, sem disfarce, diante do fundamento e do abismo de seu ser.¹² E, por outro lado, quem pensa que a dúvida é o próprio fundamento do seu ser, quem pensa que pode se situar na descrença e dali proclamar que não há Deus, vive a ilusão de conseguir demonstrar objetivamente que nada há sob seus pés. De fato, o que ocorre é que estes tipos de “dúvidas certas”, estas “provas modernas da não-existência de Deus”, nada mais são do que metafísica. A dúvida profunda, a dúvida radical que recusa um fundamento objetivo a partir de onde duvidar só pode existir de fato onde existe fé, onde se mira o abismo. O fato de se conseguir mirar de frente a situação de fragilidade em que se dá a existência pressupõe despojamento do orgulho próprio, da certeza racionalmente fundamentada - pressupõe fé. Mesmo que não se reconheça tal dúvida como fé.

¹¹ TILLICH, *Rechtfertigung und Zweifel*, p. 91.

¹² A alusão aqui é à figura utilizada em Gênesis 3.7.

Por outro lado, a partir do reconhecimento da dúvida vai se descobrir justamente o que Tillich descreveu como herança da tradição protestante: vai se descobrir que Deus é simultaneamente o fundamento e o abismo (*Grund und Abgrund*) não só da fé, mas também da dúvida. O Deus verdadeiro está além das divisões entre fé e dúvida que caracterizam a existência humana. A partir da manifestação da dúvida se encontra o seu fundamento e a sua aniquilação.¹³

É importante notar que a noção de irrupção, conceito importante no pensamento de Tillich já anteriormente citado, deve ser lida dando-se atenção ao seu caráter independente da vontade ou da iniciativa individual da pessoa que duvida. A descoberta do sentido, o conhecimento da verdade ou de Deus não são obra humana, não são o resultado de pesquisa individual. Trata-se de uma revelação gratuita. Daí que se encontre aqui o âmago da intenção de Tillich: a fórmula “justificação pela fé” da tradição protestante deve apontar não para uma salvação individual encontrada pela afirmação de algumas “verdades”. Esta fórmula deve servir para afirmar que a Verdade irrompe (*durchbricht*) no mundo e na vida pelo desvelamento e pela ruptura das formas de vida e das instituições existentes. De repente a reconhecemos, somos chamados a aceitá-la.¹⁴

No que se refere à situação religiosa pluralista em que se encontra o mundo moderno, isto significa que as imagens religiosas concretas cultivadas pelas tradições não são garantia alguma da verdade. Pelo contrário, todas as expressões religiosas - inclusive, evidentemente, os símbolos cristãos - estão sujeitos à ruptura provocada pela revelação da Verdade. Mais uma vez: a dúvida é o instrumento da Verdade. A verdadeira revelação, mesmo que a partir das formas culturais existentes, a partir de sua profundidade, irrompe através delas (e, em parte, rompe com elas). Isso, para Tillich, significa que para ser um bom protestante é necessário estar pronto a duvidar da própria fé e especialmente das suas manifestações simbóli-

13 TILlich, *Rechtfertigung und Zweifel*, p. 92.

14 TILlich, *Systematic Theology*, v. 3, p. 227-28; “Glaube” in *der Jüdisch-Christlichen Überlieferung*, p. 105.

cas concretas. Por outro lado, a irrupção não é uma aniquilação. Ela é a reformulação da tradição prévia. O contrário seria uma pretensão idealista e abstrata, um auto-endeusamento em que o ser humano buscaria ser criador a partir do nada. A dúvida aponta para a busca por uma *revelação fundamental*, que transcende as *revelações divinas* - entendidas, estas, como as bases das religiões históricas. Mas a descoberta da revelação fundamental é de que, justamente por ser fundamental, ela inclui o fundamento e o abismo - ela fundamenta as revelações divinas, as religiões concretas, e também mostra a sua falta de fundamento pelo caráter abismal do fundamento último. Deste modo, a revelação fundamental é também considerada por Tillich, simultaneamente, como uma *revelação abismal* (*Abgrundoffenbarung*).¹⁵ Aquilo que fundamenta é o que também corrói toda fundamentação.

Tillich diz isso tudo em outros lugares de um modo mais simples, com menos coloração mítica e de um modo mais próximo das fórmulas teológicas tradicionais - mas sem a clareza que aqui transparece nas implicações para com a idéia de revelação. Isto ele faz quando fala do princípio protestante, que é a crítica a todas as formas concretas de expressão do divino. A grandeza do cristianismo, neste contexto, Tillich a vê no fato de que seu símbolo maior e mais central, Jesus, é sacrificado apontando para Cristo, para a necessária relativização de toda expressão religiosa histórica.

A fé compreende tanto a si mesma quanto a dúvida de si mesma. O Cristo é Jesus e é a negação de Jesus. A religião bíblica é a negação e a afirmação da ontologia. Viver serenamente e corajosamente nestas tensões e descobrir enfim sua unidade última nas profundezas de nossas próprias almas e na profundidade da vida divina é a tarefa e a dignidade do pensamento humano.¹⁶

Por outro lado, para que a exposição do pensamento de Tillich não fique injustamente unilateral, é conveniente acrescentar que para ele algo completa a realidade das religiões,

15 TILLICH, *Rechtfertigung und Zweifel*, p. 92 e 97-8.

16 TILLICH, *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*, p. 85.

equilibrando o princípio crítico acima exposto. Trata-se do que ele denomina *substância católica* ou *Gestalt da graça*. Todo princípio crítico só pode existir numa determinada configuração histórica, sem o que ele se torna abstrato e vazio. Sendo Tillich fiel a um modelo estrutural que sempre propõe o equilíbrio, a ambigüidade e o caráter fragmentário de qualquer princípio teórico ou realidade histórica, seria enganador deixar de apresentar os dois lados de seu pensamento. No entanto, neste texto se dá ênfase maior ao princípio crítico por sua relação mais estreita com o tema sob análise.¹⁷

A idéia de uma revelação fundamental está próxima da de fé absoluta.¹⁸ Não se trata de uma revelação ou de um tipo de fé particular. Trata-se de um princípio regulador que serve para apontar a relatividade das revelações e das formas de fé concretas. À medida que alguma forma de fé *reivindique* o caráter de revelação final, ela caminha na direção de idolatria. A fé absoluta transcende, neste sentido, as formas concretas de fé. Transcende, mas simultaneamente só existe nelas, pois ali é que ela se realiza. Quando propõe uma tipologia para as realizações (e, simultaneamente, negações) da fé absoluta nas religiões, Tillich distingue entre formas místicas e éticas de religião. As formas místicas acentuam a participação do humano e do mundano no divino. As formas éticas acentuam a distinção entre ambos. No entanto, conforme ele, toda religião sempre contém elementos das duas formas. Não há como uma religião ser religião em ausência completa seja do elemento de participação, seja do de distanciamento. O que ocorre é que as formas concretas sempre mesclam estes elementos de modo distinto, surgindo daí a variedade das manifestações religiosas.

As denominações protestantes não são exceção a esta regra. Em geral, a visão que Tillich tem do protestantismo é a de que nele o elemento de distanciamento tem a preponderância em relação ao de participação. No entanto, quando fala do paradoxo da fé, do princípio protestante - este que instaura a

17 Para um aprofundamento na questão da *substância católica* ou da *Gestalt da graça*, cf. TILLICH, *A era protestante*, cap. V, VII e XIV.

18 TILLICH, *Coragem de ser*, p. 137.

dúvida e remete à fé absoluta - não é desta característica ética unilateral do protestantismo que Tillich está falando. A fé evocada pela tradição protestante quando fala da justificação, para ele, é esta que transcende todas as formas históricas; e por isso ela instaura a dúvida no ambiente cultural. Tillich utiliza palavras elucidativas ao descrever a fé absoluta:

É o limite. Portanto é ambas, a coragem do desespero e a coragem dentro e acima de toda coragem. Não é um lugar onde se possa viver, é sem a segurança de palavras e conceitos, é sem nome, sem igreja, sem culto, sem teologia. Mas está se movendo nas profundezas de todos eles. É a potência de ser, da qual eles participam e da qual são expressões fragmentárias.¹⁹

O parentesco com a linguagem mística não é casual. Daí que seja importante para a tradição protestante deixar espaço para a crítica à própria imagem teísta de Deus. Isto é particularmente importante no âmbito do protestantismo, uma vez que nele o elemento de distanciamento entre o divino e o humano-mundano é preponderante. Como toda imagem religiosa, esta é também um símbolo que não pode reivindicar ultimidade para si mesma. Neste sentido, Tillich lembra que já o misticismo medieval, ao falar do *Deus acima de Deus*, apontava para a necessidade de se transcender a imagem teísta.²⁰ Assim, pode-se ver como a reinterpretação que Tillich faz da “justificação pela fé” nada tem em comum com uma autoglorificação do protestantismo. Pelo contrário, sua reflexão visa resgatar aquele caráter questionador que se revelou na Reforma e torná-lo novamente um princípio vivo no âmbito desta tradição religiosa. Mas revivificar tal princípio pressupõe modificar sua compreensão de acordo com o contexto em que esta tradição se encontra.

19 TILLICH, *Coragem de ser*, p. 145-46.

20 TILLICH, *Coragem de ser*, p. 141-43.

5 Convites à Reflexão

5.1 O Caráter Hermenêutico da Teologia

Ler Tillich desperta interesse. Quando o lemos, a impressão é de que tudo aquilo que encontramos já foi dito de uma outra forma antes. Parece que nos movemos dentro do ambiente da tradição teológica estabelecida. E, na verdade, é assim. De repente, no entanto, nos damos conta de que parece que esta tradição já não é mais bem a mesma. Aí parece que a simples mudança de palavras - chamar Deus de “Fundamento do Ser”, chamar “fé” de “Preocupação Última” ou “Preocupação Incondicional” - não é só uma tradução para uma linguagem ontológica de uma nomenclatura familiar, mas parece que fomos transportados para uma dimensão diferente. Ler Tillich é encontrar misturadas coisas novas e velhas, não necessariamente boas por serem novas ou velhas, mas também não necessariamente ruins por esses mesmos motivos.

Assim acontece quando, examinando suas discussões sobre a dúvida, repentinamente o percebemos transcendendo os limites da tradição estrita com a qual se relaciona. Nessas horas, ficamos um pouco em dúvida entre caracterizar Tillich como um teólogo tradicional, já que trata de todos aqueles temas clássicos já discutidos por tantas outras pessoas, e o descrever como mais um grande herege. Na verdade, examinando toda a história da teologia, poderíamos chegar a verificar o mesmo em vários outros expoentes da reflexão profunda sobre a tradição. Poderíamos constatar que a rotulação de heresia foi aplicada, em um momento ou outro, a quase todos os grandes pensadores da tradição cristã. Provavelmente o mesmo ocorre em muitas outras tradições religiosas. Tal se deve à polaridade entre identidade e renovação, uma dinâmica inescapável para qualquer tradição.

Seja como for, aqui a intenção não é colocar nenhum rótulo, mas perceber como o tema da dúvida tratado por Tillich em conexão com a expressão “justificação pela fé” nos ilumina a compreensão. Esta iluminação ocorre em duas direções. Do presente para o passado, ela aponta possíveis relações da

situação vivida no século XX com antecedentes na tradição protestante. Vemos que os “heróis da fé” do período da Reforma foram figuras basilares justamente por desestabilizarem os fundamentos da fé religiosa concreta da época. Do passado para o presente, esta iluminação nos mostra que o presente não surgiu do nada. Aprendemos que a situação vivida no século XX não é só uma decadência a lastimar em relação a um passado paradisíaco, mas que ela também é um convite à descoberta de uma ação permanente do fenômeno da irrupção. Em termos teológicos, se diria que a revelação constante mina as bases do estabelecido para afirmar símbolos novos como significativos em cada novo contexto. Ou ainda se poderia recorrer a uma imagem mais mítica, conhecida no luteranismo como “teologia da cruz”: Justamente ali onde não parecia que Deus estava, ele foi encontrado.

A pergunta que fica é se as formas de reinterpretação propostas por Tillich poderão valer ainda para o século XXI. A resposta deve ser inequívoca: decerto que não. Do contrário, estaríamos enrijecendo uma tradição. Por outro lado, esquecer iluminações do passado não é uma proposta defensável. Lembrar é o caminho para redescobertas.

5.2 Tempo Atual: Renascimento das Certezas?

A principal questão que parece se colocar é se ainda estamos numa era de dúvida. Ainda se duvida de Deus, do sentido, da verdade? É evidente que sim. Mas talvez não se duvide mais da mesma forma como se duvidava no tempo de Tillich. Para ilustrar isto, é interessante partir de uma obra escrita por M. Holmes Hartshorne, *The Faith to Doubt*. Neste livro, o autor segue basicamente na esteira de Tillich. O subtítulo é “Uma resposta protestante às críticas à religião”. Os capítulos tem títulos que ilustram bem o seu conteúdo: *A crítica psicológica*, *A crítica sociológica*, *A crítica epistemológica* e *A crítica moral*. O autor, como Tillich, leva a sério as formas modernas de crítica à reivindicação de verdades religiosas. Mais do que isso, ele critica as tentativas de “salvar” algumas verdades tradicionais através de subterfúgios que utilizam lacunas do co-

nhecimento humano. Isso só serviria para manter idolatricamente símbolos ultrapassados. No fim, o autor caminha pela mesma trilha de Tillich: o vazio de sentido revelado pelas críticas modernas nos mostra a busca da Verdade através da dúvida em relação às verdades.

A questão é que transparece que as várias “verdades” modernas que encontramos neste livro editado no final da vida de Tillich, 1963, já são hoje muitas vezes objeto de grandes dúvidas! Não que com isso se possa dizer que haja menos críticas à religião e se vá “salvar” verdades religiosas. Pelo contrário - aí está o mérito de Tillich e também de Hartshorne: dessas dúvidas não nos livramos mais. Mas o que se nota é que as dúvidas são hoje mais profundas do que no passado. Parece que a dúvida que atingia Deus, o sentido e a verdade continuou se aprofundando sempre mais.

O interessante então é estarmos atentos ao uso que vem sendo feito das ciências no contexto da discussão sobre religião. Como as “verdades” científicas têm sido relativizadas (como deve ser, do contrário as ciências viram religiões dogmáticas), crescem discursos que afirmam algum tipo de indistinção entre as reivindicações de tradições religiosas e as de tradições científicas. O resultado é que discursos como os de Tillich e de Hartshorne parecem antigos, não sintonizados com o momento atual, que já transcendeu as dúvidas do passado. Passa-se a impressão de que tematizar a realidade da dúvida de fé não importa mais. A dúvida das verdades científicas é que necessitaria do socorro das certezas que só a fé pode dar. Desta maneira justifica-se a religião pela impossibilidade de certeza em outros domínios.

A suspeita pressuposta no presente estudo, evidentemente, é de que na verdade as dúvidas do passado não foram superadas. Mas a generalização da dúvida vem criando um certo espaço para aquelas operações de salvamento de verdades perdidas. Utilizando-nos de uma imagem própria à visão teológica protestante, poderíamos dizer que neste caso se percebe mais uma artimanha na busca por autojustificação - agora com esteio no caráter generalizado da dúvida. “Já que nada sabemos da Verdade, certo estou eu, certa está a minha tradição...” É o paradigma relativista utilizado para fundamentar

uma verdade particular. Evidentemente que isto é apenas uma afirmação auto-enganadora. Justificar a própria certeza na incerteza alheia é como reivindicar santidade própria por causa da devassidão alheia.

Em todo caso, mesmo que se considere que Tillich não estava errado, parece que seu pensamento neste aspecto realmente não é mais bem atual. Ao invés de tematizar a dúvida diretamente, é necessário hoje tematizar as falsas certezas religiosas. O modelo da crítica protestante serve para apontar não só para o caráter falho da construção do argumento acima exposto, mas tem ainda a tarefa de dizer que o erro de lógica surge do desejo de autojustificação, de fuga da verdade, de encobrimento do auto-engano. O ocultamento da própria debilidade humana tem seu ponto alto justamente quando se atinge a esfera espiritual. A onda de piedade religiosa e as experiências de êxtase revelam a tentativa de fuga humana da ira divina - neste caso, a ira que se manifesta no vazio. O encobrimento da dúvida pelo renascimento religioso serve para encobrir a escuridão do abismo de sentido. Em lugar de tematizar a aparente falta de fé para encontrar a fé velada, é, pois, necessário tematizar a aparente piedade para encontrar a tentativa de velar a situação de angústia humana dominante.

Mesmo nesse processo de mudança de tema, no entanto, as reflexões de Tillich continuam uma contribuição indispensável. Elas mostram algo que antes aparecia e que agora está encoberto. A dúvida que era explícita precisa ser redescoberta, precisa ser reconhecida. Como se vê, o caminho da fé é mesmo o mais estreito;²¹ e na verdade ele se estreita cada vez mais - para chegar à fé tem-se de superar as manifestações de fé, revelar a dúvida escondida no íntimo da época atual e enxergar ali um resquício da fé absoluta que pode vir a irromper.

Uma boa indicação da relevância das reflexões de Tillich neste sentido encontra-se na sua obra *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*:

21 A alusão é a outro dito atribuído pelo autor do *Evangelho Segundo Mateus* a Jesus de Nazaré: Mateus 7.13-14.

A fé inclui tanto uma consciência imediata de algo incondicional quanto a coragem de assumir o risco da incerteza sobre si mesma. A fé diz "Sim" apesar da ansiedade do "Não". Ela não remove o "Não" da dúvida nem a ansiedade da dúvida; ela não constrói um castelo de segurança livre de dúvida - somente uma fé neuroticamente distorcida faz isto - mas assume o "Não" da dúvida e a ansiedade da insegurança em si mesma. (...) Uma tal fé não precisa temer a busca livre pela realidade última.²²

5.3 Exorcismo, Desaparecimento da Dúvida e Carência do Divino

A outra distinção entre o contexto de Tillich e a situação presente está relacionada à primeira distinção apresentada acima. Se a primeira distinção se referia ao renascimento da justificação da religião, esta segunda se refere ao florescimento religioso concreto da atualidade. Tillich refletia o processo secularizador da modernidade. A tematização da dúvida representava a necessidade de encontrar resquícios em um mundo no qual a religião parecia decadente. Aliás, as várias tentativas de Tillich de apontar para mediações culturais - especialmente na arte - para a presença do sagrado são uma indicação disso. Explicitamente Tillich afirmava que a comunidade espiritual transcendia os limites já estreitos das instituições religiosas.²³ Aparentemente, hoje se viveria um reavivamento religioso que contradiria as expectativas reinantes no seu ambiente. Hoje as instituições religiosas não só florescem em variedade e em quantidade como se tornam também estrategistas de mercado. Viver encarando a dúvida de frente não parece ser mais o melhor modo de se encontrar o "Deus acima de Deus". Talvez isso não seja mesmo de modo algum factível, pelo menos para a maioria das pessoas, à exceção de alguns místicos excepcionais. Talvez mesmo no tempo de Tillich o modo como ele expressou a sua proposta só pudesse ser compreendido por quem dominasse uma linguagem sofisticada e até estranha. Ao contrário do contexto de Tillich, portanto, a dúvida é hoje rejeitada no âmbito concreto das religiões.

²² TILLICH, *Biblical Religion and The Search for Ultimate Reality*, p. 61.

²³ TILLICH, *Systematic Theology*, v. 3, p. 149, 152-55, 157-61.

O método reflexivo de Tillich sempre privilegiou o estudo da realidade a partir dos símbolos significativos que a espelhavam. Mais do que meros resquícios de tempos primitivos pré-científicos, e muito diferente do que encarnações de realidades metafísicas previamente dadas, os símbolos para ele configuravam as respostas culturais (e simultaneamente religiosas) aos dramas ontológicos da existência. Neste sentido, seguindo o método interpretativo de Tillich somos convidados a perguntar que símbolo na atualidade aparece como tentativa humana de responder a tais dramas. Propõe-se aqui uma análise do símbolo da expulsão do diabo.²⁴ Em nosso contexto brasileiro, pelo menos no ambiente “evangélico”, trata-se de um símbolo religioso de poder crescente. Cabe dizer que, apesar da vinculação histórica entre o mundo evangélico brasileiro e a tradição protestante, seria desejável resguardar as distinções existentes entre ambos. Certas transformações identitárias no âmbito de uma tradição dada convidam a que se reconfigurem as fronteiras conceituais. Dito isto, é evidente que na situação atual se vive no âmbito protestante ou evangélico brasileiro justamente o ponto crítico em que se está efetuando uma tal redelimitação. O presente estudo, ao inserir o exorcismo aqui como fenômeno “evangélico”, está tanto reconhecendo a linha histórica que liga o mundo evangélico ao protestantismo, quanto apontando para uma transformação qualitativa que está em curso.

À primeira vista, a expulsão do diabo é uma das tentativas mais efetivas de mostrar a vitória da fé. Mas a questão encoberta que merece ser mostrada é: quem é o diabo que se está expulsando? Decerto são os muitos males que afligem as pessoas, suas doenças, seu sofrimento, seu sentimento de marginalidade. Esta é até uma afirmação bastante comum, encontrada em muitas análises científicas da religião. Mas interpretar um símbolo é algo que não precisa só ser feito a partir do esquema da representação do social no ideal. É possível

24 É importante observar que ao falar deste tema aqui, estamos bastante distantes do tratamento que Tillich deu ao conceito do *demoníaco* na sua obra, que para ele sempre é a tentativa de elevar a um grau de ultimidade aquilo que é finito, e que não deve ser lido a partir da análise aqui feita do *diabólico*.

também partir da história do símbolo, daquilo que ele tem manifestado durante a sua vida enquanto símbolo. Aqui neste estudo se privilegiará somente um desses sentidos, o que se relaciona ao tema da dúvida.

É por isso que se partiu já do nome “diabo”. “*Diábolos*” é, no grego, aquele que calunia. É o inimigo que apresenta uma contra-informação acusadora, tradução do “*Satan*” semita.²⁵ Com isso, ele divide a certeza estabelecida. Nesse sentido, representa o princípio religioso que desestabiliza as verdades piedosas. A questão é: o que revela o fato de que cresce a necessidade de se espantar o símbolo da desestabilização da verdade? Parece que tal fato revela duas coisas. Primeiro, revela a busca crescente por espantar a dúvida para longe. Depois de um período histórico em que a modernidade exibiu a dúvida com toda a sua feiúra, é tempo de tentar reencontrar a beleza perdida. Expulsar o diabo, neste sentido, significa dizer “não” às divisões que ele provoca com suas acusações. É tentar reencontrar certezas - sem as quais, decerto, é muito difícil continuar vivendo. Afinal de contas, a figura do diabo abala as estruturas de plausibilidade. Expulsando-o, resguarda-se a santidade dessas estruturas estabelecidas. Nesta situação, parece esquecida uma velha afirmação: a de que depois da casa arrumada o referido traz outros sete companheiros para se acomodarem mais confortavelmente...²⁶ Cria-se na verdade uma ilusão de um lar perfeitamente em ordem.

Por outro lado, expulsar o diabo significa que ele está presente. De fato, ele está na verdade cada vez mais presente. Como poderia ser expulso, se não estivesse? Chega-se mesmo a invocá-lo, para que possa ser expulso, em alguns grupos religiosos. Isto é, aquilo de que o ser humano busca se des-

25 Cf. Walter BAUER, *Griechisch-Deutsches Wörterbuch*, col. 361. O “diabo” aparece como um tipo de “promotor” no tribunal divino, no livro bíblico de Jó - ele visa, nesse sentido, introduzir a dúvida em Deus (cf. Jó 1.1-12). No Novo Testamento, ele aparece tentando fomentar a dúvida em Jesus quanto à sua missão (cf. Mateus 4.1-11, Lucas 4.1-13).

26A primeira alusão aqui é ao conhecido conceito de Peter BERGER, que pode ajudar a fundamentar concepções teológicas relativamente conservadoras, como às vezes se tem a impressão em sua obra *Sehnsucht nach Sinn* (tradução de *A Far Glory: The Quest for Faith in an Age of Credulity*); a outra alusão é ao dito que os autores dos evangelhos *Segundo Mateus e Segundo Lucas* atribuem a Jesus de Nazaré: Mateus 12.43-45 e Lucas 11.24-26.

vencilhar, recalcar, aparece como ainda mais próprio do ser humano através do símbolo substitutivo. A cerimônia que visa confirmar o recalque reproduz o fato que quer esconder.²⁷ Ou, utilizando-se de outra linguagem: o diabo que era anjo de luz é relegado à vida na sombra do ser humano. A sombra não integrada à pessoa ou à cultura como um todo, no entanto, se transforma em um agente poderoso de dissociação. Ela se torna um poder autônomo e projetado sobre outras pessoas ou grupos que passam a representar a escuridão, em contraposição à luz pura pretendida por quem vive a dissociação.²⁸ Isto tudo também já é de conhecimento bastante antigo: “O mal que não quero, esse faço.”²⁹ Assim, a necessidade de expulsar simbolicamente a dúvida nos revela que ela está presente. Está disfarçada, está colorida por tonalidades terríveis que a mostram como insuportável. Está velada - mas está aí, para quem quiser ver.

Podemos notar que certamente há um descompasso entre o modo como Tillich formulou suas idéias com relação à dúvida e a tendência atual no meio “evangélico”. Tillich propunha que se olhasse a dúvida nos olhos e se lhe dissesse: “Tu és um instrumento de sentido, uma ferramenta divina, para me fazer encontrar o fundamento do meu ser.” Para ele, expulsar este diabo seria perder uma oportunidade, talvez a única, de vislumbrar a presença do sagrado no seu tempo. Vislumbrá-la sob a cruz, sob a negação de sua aparência, conforme preconiza a tradição protestante a que Tillich pertenceu. Cabe refletir, portanto, se expulsar o diabo não significa hoje uma forma de fugir do encontro com o que resta do divino no mundo.

27 Cf. Sigmund FREUD, *Atos obsessivos e práticas religiosas*, p. 128-29.

28 A alusão aqui é aos conceitos desenvolvidos por Carl G. JUNG, que na verdade ajudaram a inspirar esta parte final; cf., p. ex., Carl G. JUNG, *Aion*, p. 6-8.

29 Paulo de Tarso, na carta aos Romanos 7.19.

Referências Bibliográficas

- ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Ática, 1994.
- BAUER, Walter. *Griechisch-Deutsches Wörterbuch*. 5. Aufl. Berlin: Alfred Töpelmann, 1958.
- BERGER, Peter. *Sehnsucht nach Sinn: Glauben in einer Zeit der Leichtgläubigkeit*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1992.
- BÍBLIA Sagrada, A. Trad. por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- CONFISSÃO de Augsburg, A. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- DOCTRINA da justificação por graça e fé: Declaração conjunta Católica Romana - Evangélica Luterana. Porto Alegre: EDIPUCRS, CEBI, 1998.
- HARTSHORNE, M. Holmes. *The Faith to Doubt: A Protestant Response to Criticisms of Religion*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.
- FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 117-31.
- GROSS, Eduardo. *A concepção de fé de Juan Luis Segundo*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- IWAND, Hans Joachim. *A justiça da fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- JUNG, Carl Gustav. Aion. In: *Obras completas de Carl Gustav Jung*. V. IX/2. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- LUTERO, Martim. *Da liberdade cristã*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.
- . *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1955.
- . *Coragem de ser*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- . *Dinâmica da fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- . "Glaube" in der Jüdisch-Christlichen Überlieferung. In: *Gesammelte Werke*. Bd. VIII. Stuttgart: Evangelisches

- Verlagswerk, 1970, p. 101-10.
———. Rechtfertigung und Zweifel. In: *Gesammelte Werke*. Bd. VIII. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1970, p. 85-100.
———. *Systematic Theology*. 3 v. Chicago: The University of Chicago Press, 1951, 1957, 1963.

Eduardo Gross
Rua Professor Freire, 34/403
São Mateus - Juiz de Fora-MG
36025-250
gross@ichl.ufjf.br